

# UMA NOTA OTIMISTA: AO ENCONTRO DE UM MUSEU (AINDA) MAIS ABERTO. Casa-Museu Medeiros e Almeida

*Samantha Coleman-Aller*  
*Casa-Museu Medeiros e Almeida, Lisboa*



A 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde declarou oficialmente como pandemia a emergência causada por um novo tipo de coronavírus, o Covid-19. Dois dias depois a Casa-Museu Medeiros e Almeida fechava as suas portas, somando-se assim a um crescente número de organismos, instituições e empresas que, de repente, se instalavam num estranho limbo sem data de regresso à normalidade. Enquanto centenas de arco-íris enchiam de cor as janelas de todo o país e as redes sociais se redefiniam sob o hashtag #ficaemcasa, o mundo inteiro reaprendia a viver numa nova realidade. Ao longo da sua história os museus enfrentaram todo tipo de ameaças: catástrofes naturais, pilhagens e destruições fruto de conflitos bélicos, vulnerabilidade causada por instabilidades políticas e/ou económicas; porém, esta é provavelmente a primeira vez que as instituições museológicas encaram uma crise de escala global e que afeta um dos pilares fundamentais que definem a própria instituição de museu: a sua abertura ao público.

A Casa-Museu Medeiros e Almeida está situada no centro de Lisboa, na casa onde, durante 25 anos, viveram António de Medeiros e Almeida e a sua mulher antes de decidir transforma-la em museu nos finais dos anos 60 do século passado de modo a poder partilhar a sua coleção de artes decorativas com todos aqueles que a quisessem visitar. A ideia de abrir a coleção para usufruto da sociedade esteve desde sempre presente, mas como pode isto ser feito quando as portas estão fechadas, quando o público é obrigado a ficar em casa, quando o isolamento social se impõe? Como a grande maioria das instituições, a Casa-Museu voltou-se para aquilo que ainda estava disponível, as redes sociais. Assim, a pesar das limitações técnicas e de recursos, a Casa-Museu adaptou-se e reinventou-se no sentido de continuar a chegar ao seu público, ainda que à distância. Rapidamente constatamos que esse público, quiçá mais do que nunca, procurava ser contactado, queria a participar, buscava sentir-se parte integrante. Numa altura em que as comunidades se encontram forçosamente desconjuntadas, talvez seja esse o papel fundamental do museu: servir de aglomerante; provavelmente deveria ser sempre esse o objetivo principal de qualquer museu: criar comunidade.

No momento no que este artigo está a ser escrito, as previsões para Portugal são moderadamente otimistas. O dia 18 de maio, Dia Internacional dos Museus, será o dia a partir do qual museus, galerias e centros de arte retomem paulatinamente a sua atividade. Embora com uma programação muito diferente à de anos anteriores,

mais do que nunca esta será uma data para a celebração. Após dez semanas de encerramento, a Casa-Museu Medeiros e Almeida prevê reabrir as suas portas no dia 25 de maio. Esperamos assim encerrar uma etapa que não queremos mais ver repetida e começar um caminho que se adivinha lento e desafiante, mas que estamos todos ansiosos por iniciar, o regresso à normalidade, a uma nova normalidade.

A vertente virtual do museu não pode substituir o contacto direto com a coleção, mas pode sim ser uma forma não só de chegar a um público mais diversificado e àquelas pessoas que pelos mais diversos motivos não podem visitar fisicamente o museu – assunto amplamente discutido na última década –, como pode também ser a solução para um museu que, sem banalizar os conteúdos, incentive o diálogo, a comunicação e não perca a capacidade de ouvir.

Ernesto Ottone Ramírez, subdiretor geral de cultura da UNESCO, disse que “numa época em que bilhões de pessoas em todo o mundo se encontram separadas umas das outras, os museus podem unir-nos”. Queremos acreditar que os museus poderão continuar a unir-nos no mundo pós-pandemia, que conseguiremos manter a relevância, ser um local - físico e também virtual – onde procurar conforto, estímulo e deleite, no que poder interagir, porque só assim estaremos a cumprir a nossa missão. Confiamos que passado o confinamento os museus no geral, e a Casa-Museu em particular, se abram (ainda) mais aos seus públicos. ♦

